

# Chegou o momento de construir\*

## — Ensaio geral para discursos políticos

\*A relação da juventude com a política, no geral, e a relação de cada aluno com a política, em particular, foram os motes do primeiro registo em Design de Comunicação V. Como reação à leitura de “Os jovens estão a desistir da política, e a política parece prescindir deles” (Paulo Pena, Público, 31.1.16), cada aluno construiu a sua resposta às perguntas:

- Porque desistem os jovens da política?
- Porque desistiu a política dos jovens?
- E eu, desisti da política?

A partir da sua própria experiência e posição pessoal, devidamente informada pelos argumentos, obras e autores que considerasse úteis, cada aluno expôs as suas respostas através de uma apresentação oral e de uma apresentação impressa. Partimos da noção de retórica e das suas componentes discursivas (Dispositio, Elocutio, Memória, Ação e Prolepse) para chegar a uma formalização exploratória do discurso (afim ao modelo artístico da lecture-performance) e testar o potencial, objetivos e princípios da oratória política.

### Time gap

João Desidério

O ponto de partida é *A Persistência da Memória*, de Salvador Dalí. Na obra, vários relógios aparecem a derreter e representam a fluidez e a relatividade do tempo, que nunca é igual para duas pessoas. Os políticos parecem viver numa outra época, como se tivessem parado no tempo ou mal nele avançassem, ao passo que os jovens claramente seguiram o progresso. Acaba então por existir um vazio temporal entre a política e os jovens, que impede que a relação entre estas duas entidades seja tão próxima como deveria ser. Se tomarmos a palavra “jovem” num sentido abrangente, entre os dezoito e os trinta e poucos, nota-se que quanto mais nos aproximamos da nossa geração, mais se acentua o *time gap* entre gerações e menos a juventude se revê na política.

Quase como se a partir do momento em que começamos a caminhar para aquilo que temos hoje, a política tenha decidido que não iria seguir esse caminho, que preferia ficar cómoda na posição em que se encontrava. Os políticos ficaram parados no tempo e decidiram recusar a inovação e o progresso, a mudança de atitude e de valores. Agora, olham para os jovens com curiosidade, como se fossem algo estranho, talvez até alheio à realidade. Gente assim distraída agarrada a telemóveis. Mas há mais: não entendem as ferramentas que utilizamos, precisamente por terem ficado presos no tempo. Sabem que “passamos o tempo” nas redes sociais e pouco mais. Não entendem realmente a importância e a influência que a internet e os sistemas de rede têm na forma como vemos e agimos perante o mundo. Conseguem, sim, ler outro tipo de mensagens, mais tradicionais. Ao fim ao cabo, só entendem o que faz parte do tempo em que ficaram, uma manifestação, ou uma greve, um protesto, notícias num jornal ou na televisão, mas não entendem o mundo digital, não percebem que o intangível também se manifesta, que muda a forma como pensamos e refletimos sobre as coisas, com tentáculos bem mais elásticos e capazes do que os braços de qualquer um dos *media* tradicionais.

Portanto acabam por manter uma postura (política e não só) aborrecida, desinteressante, com a qual não nos identificamos de forma alguma. Porque simplesmente não há qualquer tipo de afinidade, porque é retrógrada, porque é parada no tempo. O pior é que tudo isto acontece por teimosia.

Parece-me ser bastante claro: os políticos não têm paciência e são comodistas, não se querem dar ao trabalho de lidar connosco. São aborrecidos.

E têm medo de lidar com o futuro. Preferem ficar na zona de conforto porque é fácil. Desistir é fácil.

Já nós somos educados a desistir. Nascemos e ensinam-nos que a política não vale a pena, que o futuro está sempre nas mãos dos outros. E mesmo querendo aprender, há sempre quem chegue, convicto de que está a fazer o melhor, e nos desmotive, porque não vale a pena. É como se desistíssemos antes sequer de nascer. Face a isto, parece-me que os jovens (eu incluído, claro está) devem fazer precisamente o contrário. Devem esforçar-se para contrariar a ideia, infelizmente generalizada, de que não somos suficientes para a política. Devem informar-se e entender o que os rodeia. Devem fazer ouvir as suas vozes, sussurrar, falar, gritar, gemer, o que quiserem. E por muito simbólica e inspiradora que esta afirmação pareça, ela é mais do que isso. É a verdade. Somos o futuro da política porque não há ninguém além de nós para tomar decisões para o futuro que há de vir.